

## Ciência e responsabilidade social: Gobineau e Tocqueville

### *Science and social responsibility: Gobineau and Tocqueville*

RICARDO ALEXANDRE SANTOS DE SOUSA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia | UESB

246

**RESUMO** O conde Joseph Arthur de Gobineau e Alexis de Tocqueville partilhavam de desconforto frente às mudanças ocorridas na sociedade francesa pós-revolucionária. Ambos eram críticos à sociedade massificada e individualista que emergia. Mostravam-se saudosos de valores aristocráticos que a Revolução francesa pretendia apagar. Tais afinidades, contudo, não faziam com que Tocqueville e Gobineau convergissem em suas visões de mundo. Muito pelo contrário, discordavam frontalmente quanto à interpretação do passado e às projeções futuras sobre a França ou sobre a humanidade em geral. Este ensaio trata das visões de mundo diferenciadas e da responsabilidade social daqueles que optam pela história como ciência para significar o passado, construir determinada identidade no presente e projetar um futuro.

**Palavras-chave** Gobineau – Tocqueville – raça – ética – responsabilidade social.

**ABSTRACT** Count Joseph Athur de Gobineau and Alexis de Tocqueville shared a discomfort regarding the changes in post-revolutionary French society. Both were highly critical of the emerging individualistic and massified society of the period and were nostalgic of the aristocratic values the French Revolution had sought to erase. Such affinities, however, did not cause Tocqueville and Gobineau to converge in their opinions. In fact, they disagreed starkly on how to interpret the past and imagine the future of France and humankind in general. This essay deals with the diverging worldviews and the social responsibility of those who choose history as a science to convey meaning to the past, forge identities in the present, and design the future.

**Keywords** Gobineau – Tocqueville – race – ethic – social responsibility.

*Ouso citar ao Imperador um fato completamente oposto que se presencia a Alemanha. É notório que as populações do Sul, Bavieros Wurtembergos, caminham com a maior repugnância em socorro da Prússia e é preciso levar à força os 'Landwehr' [...]. Não acha o Imperador que o Brasil teria um grande interesse em tomar medidas para chamar a si a emigração dessas populações católicas, para a ativar, a prender, a seduzir? [...] Ainda uma vez parece-me que esta questão conduzida com firmeza, decisão e, o que é essencial, uma grande honestidade, poderia ser como uma graça providencial nos destinos do Brasil [...]*<sup>1</sup>.

O trecho em epígrafe foi retirado de uma carta escrita em 2 de agosto de 1870 pelo conde Joseph Arthur de Gobineau a seu amigo pessoal, o Imperador do Brasil, D. Pedro II. Na carta, o conde francês via nos movimentos migratórios da Alemanha pré-unificada uma grande oportunidade para o imperador brasileiro atrair para seu país uma população "desejável".

Para o conde, que chegou a escrever um artigo intitulado *L'émigration au Brésil* no periódico francês *Le Correspondant*, no ano de 1874, a questão da imigração era essencial para que o Brasil não desaparecesse. Isso se daria graças baixa qualidade da população brasileira, devido ao seu alto grau de mestiçagem<sup>2</sup>.

Gobineau conhecia bastante o Brasil, pois no ano de 1869 fora enviado como ministro plenipotenciário da França para a corte brasileira<sup>3</sup>. O conde parece não ter deixado boa impressão dentre os brasileiros, e tampouco levou consigo uma boa impressão do Brasil. O único amigo verdadeiro e fiel que cultivou durante sua estada no Império dos Trópicos foi o imperador D. Pedro II. Com o monarca, se correspondeu por doze anos, a ele recorreu quando suas finanças se tornaram escassas após perder o cargo de diplomata e também foi o francês quem ciceroneou o imperador brasileiro nas duas visitas que D. Pedro II fez à Europa nos anos subsequentes à estada do diplomata francês em solo brasileiro.

Apesar da afeição que unia o conde Gobineau ao Imperador D. Pedro II, sua má vontade para com os brasileiros era bastante previsível. Gobineau era um crente nos valores intrínsecos das raças humanas como determinantes na história dos povos. Vale notar que, ao ser designado para o posto no Brasil, fez o que estava ao seu alcance para declinar do convite. Não conseguindo sucesso optou por deixar sua esposa e a filha caçula no castelo de Trye na França, propriedade da família. A essa altura a filha mais velha do casal já havia se casado e vivia com o marido na Grécia. Local para onde Gobineau desejava ter sido designado<sup>4</sup>.

Em carta a sua mãe, Gobineau mostrava seu descontentamento com o destacamento para o Brasil. "Creio que mereço outra coisa, e sou capaz de prestar serviços mais relevantes em questões de maior vulto. Faço o possível para evitar esta nova nomeação, desagradável em vários aspectos. Mas se o Ministro persistir terá de ir."<sup>5</sup>

Evidentemente, com tal estado de espírito, o conde já se encontrava predisposto a desgostar do Brasil e dos brasileiros. Deparar-se com um imperador ilustrado, amante das ciências e das artes foi para ele uma grata surpresa e, provavelmente, amenizou seu desprazer de viver por mais de um ano longe dos familiares e em um sítio indesejado.

A ideia pré-concebida acerca de uma nação mestiça, não surgiu na mente de Gobineau quando da designação para o posto de Ministro em terras brasileiras. Provavelmente, seus superiores o enviaram para o Brasil como uma forma de "castigo", já que o conde, de temperamento bastante irascível, havia recusado uma designação para a China, o que não o colocava em condições de uma nova recusa.

A posição do conde acerca da raça como chave explicativa da história humana datava de alguns anos. Gobineau, quando jovem, tencionou abraçar a carreira literária, a despeito do desejo de seu pai de que se tornasse militar. Com apenas 19 anos deixou a Bretanha e foi viver em Paris com seu tio a fim de tentar uma oportunidade junto aos melhores escritores de seu país.

O conde, que era bastante obstinado em tudo o que se propunha a fazer, realmente escreveu ao longo da vida diversos artigos, novelas, poesias, diários de viagens, estudos linguísticos e obras históricas. Contudo nunca teve boa aceitação por parte do público e nem tampouco dos intelectuais de sua época. Gobineau atribuía o seu insucesso à mediocridade da sociedade moderna, incapaz de compreender obras de espírito.

A origem nobiliária de Gobineau era controversa. Segundo alguns biógrafos a partícula “de” que fazia parte de seu nome não seria originária da pia batismal. No entanto, Gobineau construiu sua identidade ao longo dos anos sob signos de nobreza e pureza racial, chegando mesmo a elaborar para si uma genealogia na qual se ligava por linhagem aristocrática e cavaleiresca a Ottar-Jarl, um viking normando, que por sua vez era descendente do deus Odin.<sup>6</sup>

Por volta de 1842 ou início de 1843, Gobineau tornou-se colaborador do jornal *Comerce*, foi ali, por intermédio de Maurice Lange que conheceu Alexis de Tocqueville. Na época Gobineau, como colaborador do jornal ficou incumbido de elaborar um grande trabalho para *L'Académie des Sciences Morales et Politiques* sobre o estado das doutrinas morais no século XIX e sua aplicação na política e administração.

Alexis Carlis Clerel de Tocqueville era mais velho que Gobineau. Nasceu em Paris em 29 de janeiro de 1805. Portanto, contava com cerca de 37 anos e a essa altura já havia publicado sua primeira obra de sucesso na Europa Ocidental, *American Democracy* (1834). Alguns anos depois lançaria o igualmente célebre *L'Ancien Régime et le Régime de la Révolution* (1856). Observador agudo da sociedade moderna e crítico da Revolução, Tocqueville era um intelectual que não se deixava levar simplesmente pelas tendências do pensamento de seu tempo, mas buscava com originalidade um olhar diferenciado e crítico acerca da modernidade. Enquanto os intelectuais em geral pensavam em rupturas na análise da Revolução e seus efeitos, Tocqueville procurava ver as continuidades, ou ainda as forças que interagindo conduziram ao estado de coisas de seus dias.

Filho da *petite noblesse* da Normandia, Tocqueville viveu os terrores dos primeiros anos da Revolução em sua primeira infância. Seus pais foram aprisionados e seu avô materno, o marquês de Rosambo, morreu vitimado pela frenética guilhotina revolucionária. A despeito disso, diferentemente da maioria dos membros de sua classe, integrou-se à nova sociedade democrática, ciente de que o caminho tomado pela França era sem volta. Foi magistrado, membro do parlamento durante a monarquia orleanista e Secretário de Assuntos Estrangeiros durante a Segunda República.<sup>7</sup>

A amizade entre o jovem Gobineau e Alexis de Tocqueville é bastante marcada pela discórdia. No citado trabalho para o qual foi designado para fazer no jornal *Comerce*, sobre o estado das doutrinas morais no século XIX e sua aplicação na política e administração a diferença entre os dois fica evidenciada. Enquanto Gobineau pensava em termos de rupturas e concluía que a moral de seus dias era superior à moral cristã, Tocqueville percebia na moral secular uma grande dívida para com princípios cultivados no cristianismo. A caridade pregada pelo cristianismo como virtude privada, ao tornar-se secular passa a constituir deveres da sociedade para com seus cidadãos.<sup>8</sup>

O jovem Gobineau considerava a moral cristã inferior por ser voltada para o indivíduo. Com base na caridade, suprimia-se a necessidade de um ou de outro, sem voltar-se para a humanidade como um todo. Além disso, enquanto para a moral cristã o trabalho era visto como um castigo, na moral secular o trabalho era um direito pelo qual todo membro do corpo social vê-se livre de miséria e privações e adquire força e dignidade.<sup>9</sup>

As discordâncias entre os dois intelectuais em vez de afasta-los, unia-os em um respeito mútuo. Foi por meio de Tocqueville que Gobineau ingressou na carreira diplomática. Em 1849 o ilustre amigo indicou Gobineau para chefe do *Cabinet aux Affaires Etrangères* e a partir daí o conde foi designado para servir em Berna como secretário da embaixada, permanecendo no posto até 1854. Posteriormente outros postos surgiram como Hanover, Francfort, Teerã, Atenas, Rio de Janeiro e Estocolmo.<sup>10</sup>

No ano de 1843 Gobineau escrevia ao amigo Tocqueville verdadeiramente empolgado acerca do trabalho a que se dedicava naquele momento, o qual já contava com dois volumes completos e ainda estava em andamento. O contato com o amigo era-lhe importante por dois motivos. O primeiro é que gostaria de submeter sua obra à opinião do experiente Tocqueville e, em segundo lugar, esperava que o amigo o colocasse em contato com *L'Académie des Sciences Morales et Politiques*, pois acreditava que pela excelente qualidade de seus escritos, seria aceito como membro daquela casa do saber.

A obra em questão era o *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*<sup>11</sup>. Nele, Gobineau gabava-se ter encontrado por meio de induções a chave para o entendimento de toda a história da humanidade. A desigualdade entre as raças seria tal chave, conforme fica explicitado no título da obra.

O trabalho, tido por Gobineau como sua obra fundamental, teve no julgamento do amigo Tocqueville uma severidade incompreensível para o jovem Gobineau. O presente artigo pretende examinar as diferenças de perspectivas dos dois intelectuais franceses, não propriamente acerca dos princípios raciais contidos na obra do conde, mas sobre o papel social de homens de ciência e as possíveis recepções e consequências das divulgações científicas no corpo social.

O *Essai* de Gobineau remetia em alguma medida ao mito de origem dentre os franceses, segundo o qual a identidade daquele povo vinha da filiação aos Francos, aos gauleses e também aos romanos. Sendo que nas suas diferentes variações ao longo do tempo uma ou outra “raça” seria positivamente valorada. Em geral, desde o século VII a versão mais difundida era a da preeminência dos francos como tendo dado origem à classe dominante e os galo-romanos, por sua vez teriam originado o terceiro estado<sup>12</sup>.

Inúmeras variações e construções filiais vinculavam um grupo e outro a diferentes origens. Ora ligando os francos à figura de Carlos Magno, ora aos descendentes de Noé, ou ainda aos troianos. Da mesma forma os galo-romanos tinham diferentes mitos fundadores quanto à sua origem.

Tais variações perduraram até o advento da revolução, quando o mito da origem franco germânica pareceu ruir juntamente com o antigo regime. Montesquieu que inúmeras vezes se referiu aos antigos povos germânicos como “nossos pais”, foi asperamente criticado por Voltaire, para quem os antigos povos germânicos não passavam de bárbaros e ferozes.<sup>13</sup>

Na Restauração procura-se banir definitivamente o mito franco germânico em favor do mito gaulês. A Revolução, sob essa interpretação seria ao olhar de François Guizot a reedição moderna da querela entre diferentes raças ou povos. Seria enfim a revanche da raça conquistada dos gauleses voltando-se contra os francos conquistadores.<sup>14</sup>

Embora o termo “raça” seja mencionado diversas vezes, esse normalmente pode ser tomado como sinônimo de povo ou nação. Porém, o sentido de raça biológica começa a ascender nos discursos com o avanço da fisiologia no século XIX. Características físicas passam a ser vistas como determinantes comportamentais. Assim, as raças seriam marcadas menos por meio da filiação ou povo e mais por meio de características físicas. Autores do século XVIII, desde o Pe. Saint-Pierre a Kant, ao pensarem seus projetos de paz perpétua, não os apoiavam em argumentos fornecidos pela ciência experimental e positiva, ou seja, a fisiologia. Já em 1803, Saint-Simon fazia uma crítica ao princípio da igualdade, que, aplicado aos negros, provocou catástrofes nas colônias. E completava seu pensamento afirmando que se os revolucionários tivessem consultado os fisiólogos saberiam que o negro não poderia ser elevado à mesma altura de inteligência dos europeus.<sup>15</sup>

Já entre 1795 e 1798 Pierre Cabanis redigia uma obra cujo título era *Rapport du physique et du moral de l'homme*, no qual procurava mostrar como o “físico” determina a “moral”<sup>16</sup>.

Percebe-se claramente uma mudança do eixo que sustenta a construção da identidade e da alteridade, passando-se da raça no sentido de filiação ou povo para o sentido biológico. Sendo que esse segundo vai se estabelecendo cada vez mais com o passar do século.

Gobineau nascido em 1816 viveu como intelectual francês o momento de ascensão das interpretações ligadas à raça biológica. Assim, o conde reabilita a perspectiva da querela entre as raças numa nova chave, ampliando sua perspectiva para além das fronteiras francesas. Passa a pensar a raça como determinante comportamental e chave para o entendimento da história humana. A crítica à sociedade a sociedade de seu tempo, à massificação e à igualdade entre os homens ganhou na interpretação histórica do conde uma conotação racial.

Tal qual Gobineau, Tocqueville foi um severo crítico à revolução francesa e à sociedade massificada que emergira com a queda do Antigo Regime<sup>17</sup>. Porém, as atitudes frente ao mundo e as construções históricas engendradas pelo primeiro e pelo segundo teriam implicações sociais bastante diferenciadas. Alexis de Tocqueville examinava a sociedade resultante da Revolução e nela buscava, apesar de suas críticas, aquilo que poderia ser construtivo.

Por sua vez Gobineau dizia-se um homem medieval e, mergulhado no mais profundo pessimismo acerca da sociedade francesa e da humanidade em geral, elaborava uma teoria que, por meio da raça biológica, lamentava a perda da pureza racial a qual projetava no mito de origem franco, perdido no passado.

O *Essai* era basicamente um lamento. Nele, Gobineau afirmava que a questão que o movia era tentar descobrir qual a causa da ascensão e queda das grandes civilizações. Conquanto questionasse várias possibilidades, por fim nenhuma delas se sustentava.

Alguns dos possíveis motivos foram enumerados pelo conde. A corrupção dos costumes, o abandono dos preceitos religiosos, os maus governos ou ainda o envelhecimento natural que levaria uma civilização a ser traspasada por outra mais jovem. Entretanto, nenhum desses motivos sustentava-se diante da investigação histórica que teimava em contradizê-los um a um. Até que Gobineau teve o *insight* que fundamentaria toda sua investigação a partir daquele ponto.

*Então foi quando de induções em induções tive de me deixar convencer da evidência: que a questão étnica domina todos os demais problemas da história constitui sua chave, e a desigualdade das raças cujo concurso forma uma nação, para explicar todo o encadeamento dos destinos dos povos.*<sup>18</sup>

Basicamente a teoria de Gobineau era que cada raça teria suas características intrínsecas e que quando uma civilização começava a fenecer, isso se dava porque perdera suas qualidades originais. O sangue que circulava em suas veias já não era o mesmo que o de seus antepassados, mas encontrava-se depauperado devido às sucessivas misturas. Em outras palavras, já não conservavam a mesma raça de seus pais fundadores, mas encontravam-se degenerados.<sup>19</sup>

A mestiçagem seria para o conde a razão da degenerescência do gênero humano. O degenerado já não possuía as qualidades dos heróis fundadores de sua civilização.

Passa a fazer sentido a razão pela qual o conde Gobineau fez o que pode para escapar à designação de servir como diplomata no Império dos Trópicos, sabidamente um lugar onde a mestiçagem se deu de forma copiosa.

Diante do que foi dito, faz sentido a preocupação do conde em que seu amigo imperador do Brasil tratasse de atrair para seu império um contingente migratório menos “degenerado”. Segundo o já citado artigo escrito por Gobineau para o periódico francês *Le Correspondant*, no ano de 1874, a população brasileira, devido ao seu alto grau de mestiçagem estava fadada a desaparecer. Segundo o francês, em menos de duzentos anos os “companheiros da Costa Cabral” [sic.] desapareceriam por completo.<sup>20</sup>

No *Essai* enviado para a apreciação do amigo Tocqueville, as questões acerca do Brasil não estavam colocadas, visto que no ano de 1853, Gobineau ainda não havia sido designado para o serviço em território brasileiro. Mas o cerne da questão acerca das raças humanas já se encontrava ali fundamentado.

Como monogenista<sup>21</sup>, Gobineau acreditava ter Deus criado uma raça única, denominada pelo conde de “raça adâmica”. Tal raça seria mais plástica e adaptável aos diferentes meios e, ao espalhar-se pela terra, teria se transformado e cristalizado nas três raças secundárias. Seriam elas o ariano, o negro e o asiático.

Cada uma dessas raças teria suas características intrínsecas. Contudo, à raça ariana estariam reservadas as características civilizacionais. O ariano seria detentor do que o conde identificava como o masculino no processo civilizacional. A “energia reflexiva”, a “perseverança que não se dá conta de obstáculos”, a “maior energia física”, o “amor singular pela vida”.

Já o negro e o asiático seriam detentores do que Gobineau classificava como características “femininas”, ou seja, as qualidades voltadas à elevação espiritual ou à sensibilidade artística.

No processo civilizatório era essencial que as características masculinas e femininas se associassem. Logo a mistura racial fazia-se inevitável formando assim as raças terciárias, quaternárias e assim por diante. Consequentemente a civilização trazia consigo a degeneração e a destruição daquilo que se conquistou anteriormente, já que as gerações vindouras eram cada vez mais corrompidas pelas misturas.<sup>22</sup>

O fatalismo de Gobineau pode ser visto como característico de uma aristocracia derrotada na Revolução Francesa e que já não tinha qualquer perspectiva de futuro. Tal classe via seus valores aristocráticos soterrados em meio à sociedade liberal burguesa que despontava.

Tocqueville, ao entrar em contato com as teorias de Gobineau, imediatamente reagiu. Assim que recebeu os dois volumes do *Essai* e percebeu do que se tratava respondeu ao conde dizendo-se ansioso por lê-los, contudo, sublinhava ter contra a ideia central da obra um grande preconceito. A primeira carta foi enviada em 11 de outubro de 1853, apenas um mês depois, Tocqueville dava seu parecer enfático ao amigo.

*Mas, é evidentemente o contrário. Que interesse pode haver em persuadir as pessoas que vivem na barbárie, na apatia ou na servidão, que assim se encontram por força da natureza da raça e que nada se pode fazer para melhorar suas condições, mudar seus costumes ou modificar seus governos? Não vê que vossa doutrina libera todo o mal da desigualdade permanente. O orgulho, a violência, o desprezo ao semelhante, a tirania e a abjeção em todas as suas formas?*<sup>23</sup>

Contudo, Gobineau não estava disposto a abrir mão de suas teorias raciais. Lograva haver encontrado a chave para o entendimento de toda a história da humanidade. Acreditava que por meio de sua obra seria reconhecido e aceito como membro de *L'Académie des Sciences Morales et Politiques*. Para tal intento, contava com Tocqueville que por meio de seus bons contatos apresentaria a obra aos integrantes daquela associação de literatos.

As advertências de Tocqueville persistiram. “Mas vós abraçastes precisamente a tese que me parece a mais perigosa que alguém possa sustentar nos nossos dias. Isto, independentemente do fato de tomar como falso que vossos princípios alcancem a extensão extrema que vós quereis, o que é suficiente para que não me converta nem de longe a eles.”<sup>24</sup>

Gobineau, contudo, era categórico. Afirmava ser como o médico que em vez de enganar o paciente, alimentando esperanças falsas, informava-o que estava à morte.

Diante da obstinação do amigo, Tocqueville colocou alguns membros de *L'Académie des Sciences Morales et Politiques* em contato com a obra de Gobineau. Porém, o insucesso foi total. O *Essai* não encontrou eco junto aos membros da *Académie*. O estrondoso sucesso esperado pelo conde não se deu na França de seus dias. Amargurado, o conde atribuía seu fracasso justamente à degenerescência do francês miscigenado de seu tempo, que já não tinha capacidade para reconhecer uma obra de valor.

Somente 1876, quando já era um homem de idade avançada, cuja visão não permitia dedicar-se à escrita, Gobineau foi apresentado ao compositor Richard Wagner, à sua esposa Cosima e ao filósofo e já então padre, Liszt, pai de Cosima. Uma amiga íntima, a condessa de La Tour, amiga íntima de Gobineau, tratou de fazer as apresentações.

Àquela altura da vida Gobineau servia na Suécia, porém, foi informado que deveria pedir sua reforma, já que a intenção do governo em Paris era de renovação dos quadros diplomático. Encerrada a carreira diplomática, o conde foi viver em Roma com o casal La Tour o que fez estreitar mais ainda os laços com Wagner e seu círculo.

Após a morte de Gobineau em 1882, o amigo Wagner apresentou o *Essai*, bem como outros escritos do conde francês a Ludwig Shemann. Este, encantado com os escritos de Gobineau, dedicou sua vida a traduzir e divulgar na Alemanha a obra do conde.

*Richard Wagner foi o primeiro que me falou de Gobineau transbordando de entusiasmo. Ele não pressentiu, no entanto o que aquele grande morto se tornaria para mim. Mas quando, hoje em dia, me recordo daquelas horas sagradas. Não posso deixar de interpretá-las de outra forma. Parece que Wagner me conduziu até esse solitário, abatido, longe de toda onda humana, com sua bandeira de verdade e me disse: salve-o!*<sup>25</sup>

A ascensão do nazismo levou os escritos de Gobineau a consequências que fugiam a qualquer intencionalidade do conde francês. O seu fatalismo e descrença na humanidade seria reinterpretado como a necessidade de voltar

atrás e recuperar a pureza racial perdida. Ponto com o qual Gobineau jamais contara e nem mesmo acreditava ser essa uma possibilidade.

Em vez de ser o médico que anunciava ao paciente moribundo o seu fim, a obra de Gobineau converteu-se em mais um argumento que condenou à morte milhões ao longo da Segunda Grande Guerra.

O amigo Tocqueville bem o prevenira que sua tese era “a mais perigosa” que alguém poderia sustentar”.

Evidentemente há um relativo espaço entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, para usarmos os termos de Ricoeur. Assim, significações múltiplas e móveis podem ser percebidas na recepção de um mesmo texto. Basta que variações como tempo, classe, contexto, hábitos para citar apenas algumas.

Conforme Roger Chartier, ao propor uma história da leitura, “maneiras de ler devem identificar disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura”. Logo, os que leem um texto o fazem de maneira diferenciada, e as clivagens vão muito além da divisão simplória entre alfabetizados e não alfabetizados que dependem da oralidade para ter acesso à leitura.<sup>26</sup>

Embora as ponderações de Chartier acerca da variada recepção dos textos literários, isso não exige aquele que escreve da responsabilidade ética, ao tornar público seus escritos. Em especial, os homens e mulheres de ciência devem ter a percepção do impacto social de suas afirmações. Daí o contraste entre o conde Gobineau e Alexis de Tocqueville se tornar tão manifesto. Não tanto no que se refere às suas posições acerca das raças, mas às suas posições quanto à responsabilidade social da repercussão de seus escritos.

O Conde Gobineau, tal qual Alexis de Tocqueville, deparava-se com a modernidade e voltava-se para o passado francês buscando interpretá-lo, de forma a construir uma identidade que lhe permitisse lidar com o presente e inferir uma expectativa de futuro.

Na perspectiva de Jörn Rüsen, o trabalho do historiador, tem como objeto dar sentido ao passado com base no método histórico. Tal ofício implica procedimentos específicos que garantem a cientificidade do saber histórico. A ciência histórica, no entanto, não se baseia na “veracidade” do sentido que o historiador atribui ao passado por meio de sua interpretação das fontes, mas em um conjunto de critérios com os quais o historiador lida com os vestígios do passado, visto ser o passado, propriamente dito, irrecuperável.<sup>27</sup>

Há, portanto, no labor histórico um método a ser observado ao tratar-se com as fontes, vestígios de um passado que já não é. No entanto, o trabalho do historiador vai além. Ao interrogar o passado a partir de questões do presente, o historiador atribui sentido ao passado. Assim, a história constitui-se numa forma muito específica de memória, altamente marcada pela temporalidade.

Por meio da história significamos o passado, o que se faz fundamental para a formação da identidade no presente bem como para possíveis projeções futuras. Diante do que foi dito, a história é ciência e arte. Conforme afirmava em 1830 Leopold von Ranke, em dissonância com as vozes de muitos de seus seguidores.

*A História distingue-se de todas as outras ciências em um ponto: ela também é arte.*

*A História é uma ciência por coletar, encontrar, penetrar e, contudo, é arte ao recriar, retratar o que foi encontrado e reconhecido. Outras ciências dão-se por satisfeitas simplesmente com o registro do que foi encontrado; história requer habilidade para recriar.*

*Como ciência, história relaciona-se com a filosofia, já como arte, com a poesia. A diferença é que, de acordo com sua natureza, tanto a filosofia quanto a arte circulam no reino do Ideal, enquanto a história, por outro lado, tem que lidar com a realidade.<sup>28</sup>*

Entre a arte e a ciência que movem o fazer histórico existe a responsabilidade social do historiador. Tomar a ideia como fato social é pensá-la capaz de inferir comportamentos, perspectivas, enfim de gerar um leque de possibilidades

de construções identitárias de grupos e conseqüentemente de suas perspectivas de futuro. Diante disso a responsabilidade do historiador frente à sociedade é imensa e deve ser encarada de forma absolutamente ética.

Tratar o conde Gobineau e Alexis de Tocqueville como profissionais da história, seria um anacronismo, visto que ambos viveram em um tempo em que as especializações das profissões no campo da ciência ainda se construíam. Dessa forma podemos entendê-los como homens de ciência ou literatos. Contudo, ao tomarem o passado e tentarem significá-lo à luz das questões que se colocavam no presente, ambos faziam aquilo que destacamos nesse artigo como parte fundamental do fazer histórico.

Tanto o conde quanto o seu amigo onze anos mais velho, tinham sérias críticas à sociedade massificada e individualista que emergia e olhavam com algum saudosismo para alguns valores aristocráticos soterrados pelo cataclismo revolucionário. Tocqueville, entretanto, ao interpretar um passado que lhe era pessoalmente traumático, visto que a Revolução ceifou a vida de seu avô materno, procura interpretar o passado de forma crítica, analisando o processo revolucionário como fruto da impaciência e gênio francês diante de um “velho edifício social [que] teria ruído por toda parte, aqui mais cedo acolá mais tarde, mas teria caído peça por peça, em vez de desmoronar-se de uma vez”. Tocqueville, contudo, embora crítico da revolução e da massificação procurava encontrar na democracia um sistema que minimizasse os males de seu tempo e produzisse a conciliação entre igualdade e liberdade.<sup>29</sup>

Gobineau, entretanto, via na revolução e na França que dela emergiu sintomas da degeneração racial dos franceses e a perda de valores inerentes às raças fundadoras da nação. Tal processo seria de contínua degradação na medida em que as raças tendiam a miscigenarem-se mais e mais.

Para além da inverdade das “certezas gobinianas”, a perspectiva racialmente hierárquica e pessimista do conde era suficientemente perigosa e nociva. Sua tese não permitia à sociedade qualquer perspectiva de futuro e, como diagnosticou Tocqueville, trazia muitos riscos ao ser abraçada como interpretação do passado.

Gobineau, entretanto, parecia convencido da veracidade de seus escritos e, acima dos riscos sociais que seu trabalho evidentemente gestava, estava sua ambição de ser aceito pela *Académie des Sciences Morales et Politiques*, o que, felizmente, não ocorreu.

O conde francês era uma pessoa de difícil trato, isso devido a seu temperamento irascível e a afetação de sentir-se superior aos demais. Esse sentimento de superioridade fica patente em seu romance *Les Pléiades* de 1874, que retrata o encontro de quatro personagens caracterizados como *filis de Rois*.

O romance marca um momento na vida do francês em que estava completamente desacreditado na humanidade e especialmente nos homens e mulheres de seu país natal. Assim, o encontro dos personagens do citado romance retrata o encontro de alguns poucos homens que ainda portavam os valores intrínsecos das raças fundamentais. Segundo Schemann, um dos personagens do romance seria inspirado no imperador D. Pedro II.

Percebe-se claramente o abismo entre a visão do conde Gobineau e de Alexis de Tocqueville. O segundo, ainda que traumáticamente marcado pelos acontecimentos históricos, buscava uma interpretação do mundo voltada para valores éticos que tornassem o passado viável na construção do presente e conseqüente prospecção para o futuro.

Gobineau, no entanto, via no passado uma interpretação fatalista que esvaziava o presente e inviabilizava o futuro. Sua única ambição era destacar-se da maioria de seus concidadãos fosse por reconhecimento de seu valor literário ou por suas ideias mirabolantes. Não há nos escritos do conde qualquer responsabilidade para com a sociedade em que viveu. Embora não tenha proposto qualquer tipo de “faxina étnica”, não era difícil perceber, como o fez Tocqueville, o perigo latente em seu *Essai*.



## Notas e referências bibliográficas

Ricardo Alexandre Santos de Sousa é Doutor em História das Ciências pela COC-Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz e professor na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: ricsousa14@gmail.com.

- 1 Trecho da carta de Gobineau para o Imperador D. Pedro II, datada de 2 de agosto de 1870. Publicada por RAEDERS, Georges. D. Pedro II e o conde de Gobineau. (correspondências inéditas). São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1938, p.21.
- 2 SOUSA, Ricardo Alexandre S. de. Revista Brasileira de História da Ciência, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan./jun. 2013.
- 3 Cargo que corresponderia atualmente à função de embaixador.
- 4 O Conde recusava-se a deslocar-se com a família para lugares insalubres, pois alguns anos antes quase teria perdido a filha mais velha, acometida de febre amarela quando se encontrava servindo na Pérsia.
- 5 RAEDERS, Georges. D. Pedro II e o conde de Gobineau. (correspondências inéditas). São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1938. p.22.
- 6 RAYMOND, Jean- François de. *Arthur de Gobineau et le Bresil*. Grenoble: Presse Universitaires de Grenoble, 1990, 9 -10 e ARENDT, Hannah. Origens dos totalitarismos. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 202.
- 7 BARBU. In: TOCQUEVILLE, Alexis. *Ovres completes: correspondance d'Alexis de Tocqueville et d'Arthur de Gobineau* (Tomo IX). Paris: Gallimard, 1959, 11 - 12.
- 8 TOCQUEVILLE, op. cit., 1959, p. 47- 48.
- 9 Idem, p. 52 - 53
- 10 Idem, p. 101.
- 11 "Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas". A partir desse ponto será citado apenas como *Essai*.
- 12 POLIAKOV, Leon. *O mito ariano, ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974, p. 10 - 23.
- 13 Idem, p. 17.
- 14 Idem, p. 23 -24.
- 15 Idem, p. 198 -199.
- 16 Idem, p. 200.
- 17 Helga Gahya percebe a origem das afinidades e das divergências entre Gobineau e Tocqueville na forma como um e outro apreendiam e reeditavam a velha "querela das duas raças", que em inúmeras versões procurava explicar o povo francês como fundamentalmente dividido entre Francos e Galo-Romanos. Ver: GAHYVA, Helga. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 553-582, 2006.
- 18 GOBINEAU, Joseph Arthur. *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Barcelona: Editorial Apolo, 1937, p.15.
- 19 Idem, p. 39.
- 20 RAEDERS, Georges. D. Pedro II e o conde de Gobineau. (correspondências inéditas). São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1938, p. 242.
- 21 Monogenismo é a crença segundo a qual o gênero humano teria uma origem única ao passo que o poligenismo defende que haveria vários focos diferentes de origem das diversas raças humanas no mundo. No século XIX, um dos arautos do poligenismo foi o suíço Louis Agassiz, o qual viajava pelos Estados Unidos dando palestras e defendendo a tese poligenista.
- 22 GOBINEAU, op. cit., 1937, p. 150-151.
- 23 DEGROS, M. (org.). *Correspondance d'Alexis de Tocqueville et d'Arthur de Gobineau*. Paris : Gallinard, 1959, p. 203 (Carta de Tocqueville a Gobineau em 17 de novembro de 1853.) - g.n.
- 24 GOBINEAU, op. cit., 1937, p. 205.
- 25 SCHEMANN. *Apud*. DUFRECHOU, Alfred. Gobineau. In: *science e religion: études pour le temps présent, 412 philosophes et penseurs*. Paris: Bloud, 1907, 4. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k68007j>. Acesso em: 07 maio 2017.
- 26 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Apr. 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 maio 2017.
- 27 RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado - Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010, p. 133 - 134.
- 28 RANKE, Leopold von. *The theory and practice of history*. In: IGGERS, Wilma A. and MOLTKE, Konrad (*Edited and introduction*). Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, inc. 1973, p. 31.
- 29 TOCQUEVILLE, Aléxis. *O antigo regime e a revolução*. Brasília: Ed. UNB, 1997, p. 68.